

Tesouros de Guerra Nazistas Desaparecidos

Durante a queda da Alemanha, os seus dirigentes tentaram esconder 7,5 bilhões de dólares em ouro e milhares de obras-primas de valor incalculável. Muitos desses tesouros nunca foram recuperados, embora alguns tenham sido encontrados em 1990 numa pequena cidade do Texas.

Bombas lançadas! Comportas fechando! Vamos embora daqui!", gritou um jovem artilheiro da Força Aérea dos EUA em 3 de fevereiro de 1945, quando 950 bombardeiros largaram 2.265 t de explosivos sobre Berlim, a capital da Alemanha nazista. Este bombardeio, o mais violento da II Guerra Mundial, matou perto de 2.000 pessoas, deixou outras 120.000 desabrigadas e arrasou bairros inteiros. Muitos edifícios governamentais importantes, incluindo o quartel-general de Adolf Hitler, foram arrasados ou gravemente danificados.



Naquele sábado fatídico, um dia de trabalho, 5.000 empregados do principal banco dos nazistas, o monumental Reichsbank, do início do século, refugiaram-se num abrigo profundo, enquanto 21 descargas de bombas se abatiam sobre o imponente edifício, acabando por destruí-lo. Quando o terrível ataque terminou, todos os trabalhadores do Reichsbank, e também o seu famoso presidente, o Dr. Walther Funk, tinham sobrevivido; mas a devastação do centro nevrálgico financeiro da nação desencadeou uma estranha série de acontecimentos que viriam a constituir um dos mais intrigantes e ainda não resolvidos mistérios da História. Aos olhos do mundo, as riquezas alemãs seriam transportadas secretamente e guardadas à medida que as forças aliadas penetrassem no país. Na realidade, funcionários governamentais gananciosos foram retirando milhões para si próprios, escondendo o ouro e a moeda tão bem que não voltaram a ser encontrados.

Os cofres do Reichsbank guardavam a maior parte das reservas em ouro da Alemanha nazista, que hoje valeriam cerca de 7,5 bilhões de dólares; nessas reservas estavam incluídos 1,5 bilhões em ouro italiano.

Esconderijo secreto de milhões

Bastou ao Dr. Funk um olhar aos destroços e à fumaça dos incêndios: decidiu imediatamente transferir os empregados mais graduados para outras cidades, para que daí gerissem o Reichsbank, e ordenou que se transportassem as reservas de ouro e moeda para uma enorme mina de potássio a 320 km a sudoeste da capital. A mina de Kaiseroda, uma mina isolada situada a mais de 45 km do mais próximo povoado, proporcionava um esconderijo 800 m abaixo do solo. Havia cinco entradas independentes para os seus quase 50 km de galerias subterrâneas. Para a transferência secreta do grosso das reservas nazistas, cerca de 100 t de ouro e 1.000 sacos de marcos em notas, foram necessários 13 vagões de carga.

Menos de sete semanas depois, no entanto, o 3.º Exército Norte-Americano, sob o comando do general Patton, avançava sobre a região. Inacreditavelmente, as férias da Páscoa tornaram impossível mobilizar comboios suficientes para salvar o ouro, mas representantes do Reichsbank

Uma Sala Desaparece

conseguiram recuperar 450 sacos de notas. A 4 de abril, chegaram os americanos. Dois dias depois, dois policiais militares que percorriam uma estrada encontraram duas francesas refugiadas e, obedecendo às instruções para restringirem o movimento de civis, escoltaram-nas até à vila de Merkers. Quando passavam diante de Kaiseroda, uma das mulheres observou: "Esta é a mina onde estão guardadas as barras de ouro."



A 7 de abril, oficiais americanos desceram a 700 m de profundidade num elevador até a uma gruta escavada no sal-gema e encontraram um bilhão de marcos nos 550 sacos que tinham ficado para trás. Após dinamitarem a porta de aço da sala n.º 8, descobriram mais de 7.000 sacos numerados num espaço com 45m de comprimento por 22 de largura e 4 de altura. O espólio incluía 8.527 barras de ouro, moedas de ouro da França, Suíça e Estados Unidos e pilhas de notas. Baixelas de ouro e prata, esmagadas para facilidade de armazenamento, empilhavam-se em caixas e arcas. Havia malas cheias de diamantes, pérolas e outras pedras preciosas roubadas às vítimas dos campos de concentração e sacos recheados de pontes e obturações dentárias de ouro. Adicionando a isto quantidades menores de dinheiro inglês, norueguês, turco, espanhol e português, o tesouro escondido revelou-se um dos mais ricos depósitos de todo o mundo naquela altura. Representava o impressionante percentual de 93,17 das reservas financeiras totais da Alemanha no final da guerra.

Mas não era tudo. Em outros túneis, os investigadores descobriram 400 t de obras de arte, entre as quais encontraram quadros provenientes de 15 museus alemães e livros importantes da Coleção Goethe, de Weimar. Os tesouros da mina foram colocados, sob rigorosa vigilância, em 11.750 containers e carregados em 32 caminhões de 10 t para serem transportados até Frankfurt, onde ficaram guardados nos cofres do Reichsbank. Apesar dos boatos sobre o desaparecimento de um dos caminhões, nada do ouro nem qualquer obra de arte se perderam no caminho.

Tesouro que desaparece

Para o chefe da propaganda de Hider, Joseph Goebbels, foi "a sanha criminosa" de Funk que entregou os tesouros do país nas mãos dos Aliados, mas o Führer aprovou uma tentativa de evacuação das reservas ainda existentes. Na realidade, o plano foi iniciativa do seu oficial de segurança pessoal, o coronel da polícia Friedrich Joseph Rauch. Seguindo o exemplo da Gestapo — que já começara a transferir o seu ouro, jóias, objetos de arte e notas de banco para minas, lagos e outros esconderijos nas montanhas do sul da Baviera e norte da Áustria —, o coronel Rauch sugeriu que os 6,83% das reservas oficiais de ouro que tinham ficado no Reichsbank fossem enviados para a Baviera e guardados em segurança. As barras e moedas de ouro do Reichsbank a serem transportados teriam hoje o valor aproximado de 150 milhões de dólares.

Nos meses seguintes, os bombardeios aliados inutilizaram as comunicações, e os diversos planos e estratégias individuais traduziram-se num cenário complicado que nunca chegou a ser bem explicado. O dinheiro foi embarcado em dois trens, enquanto se aprontava um comboio de caminhões para transporte das barras e moedas de ouro. No caos de um império em desmoronamento, os trens levaram duas semanas a percorrer os 800 km até Munique, no sul. No caminho, Hans Alfred von Rosenberg-Lipinski, colega de Funk, fez transferir dos trens para

Ainda hoje se ignora o destino da notável "sala de âmbar dos czares", um cómodo inteiramente feito de âmbar entalhado. Esta sala foi doada pelo rei Frederico Guilherme I da Prússia em 1716 ao seu aliado russo, o czar Pedro, o Grande, que ficara fascinado pelo "encanto indescritível" daquela decoração acetinada. Pedro instalou o seu presente num palácio perto de S. Petersburgo, dando-lhe as dimensões de um salão de banquetes e acrescentando-lhe 24 espelhos e um chão de madrepérola. Dois séculos mais tarde, ao invadirem a Rússia, na II Guerra Mundial, os alemães apoderaram-se do presente e levaram-no para ser reconstruído no Castelo de Königsberg. Após uma breve exposição ao público, a sala foi desmontada e levada para as caves do castelo antes de a cidade ter sido destruída pelas bombas inglesas em agosto de 1944. Após a guerra não se encontrou qualquer vestígio deste tesouro nas caves do castelo bombardeado. Eram muitos os boatos de que os nazistas tinham escondido a sala num navio, o qual fora depois afundado por um submarino soviético. Finalmente, em 1959, surgiram testemunhos que pareciam indicar que a sala de âmbar tinha sido escondida numa mina de sal. Quando os investigadores se aproximavam do local, deu-se uma misteriosa explosão que provocou a inundação da mina, impedindo o salvamento.

os caminhões sacos de dinheiro em notas. Por fim, os caminhões levaram o dinheiro, as moedas e as barras de ouro e as divisas estrangeiras para uma pequena cidade nos Alpes Bávaros, enquanto os trens se dirigiam a Munique. Entretanto, Rosenberg-Eipinski reteve um saco de moeda estrangeira e cinco pequenas caixas "por determinadas razões". Não se sabe o que lhes aconteceu, mas parece provável, dada a tragédia que atingia a Alemanha, que aquele alto funcionário do banco estivesse se preparando para um futuro confortável.

Outros seguiram o seu exemplo. Os caminhões carregados com os tesouros atravessaram os montes Karwendel, densamente arborizados, até um quartel de instrução de infantaria. Enquanto oficiais preocupados tentavam decidir onde guardar a riqueza, cada vez mais reduzida, do país, parece que Emil Januszewski, do Reichsbank, ficou com duas barras de ouro (que corresponderiam hoje a quase meio milhão de dólares). Alguém que não conseguia acender o lume no fogão do alojamento dos oficiais encontrou-as entupindo a chaminé, e o velho e respeitado Januszewski suicidou-se. Na época desta descoberta, o resto do ouro escondido tinha sido enterrado em covas à prova de água perto de um chalé alpino isolado conhecido por Casa da Floresta. O papel-moeda havia sido dividido em três lotes e enterrado em três colinas diferentes. Depois disto, as duas barras de ouro recuperadas e uma grande parte do dinheiro acabaram sob os cuidados de um certo Kari Jacob, funcionário local. Não tornaram a ser vistos. Diversos outros nazistas de posto inferior, que também tinham ajudado a esconder o tesouro, aparentemente sucumbiram à tentação.

Pouco tempo depois, o Dr. Funk e outros altos oficiais nazistas ficavam sob custódia dos Aliados, mas nenhum confessou onde estavam escondidas as reservas de ouro. As tropas americanas acabaram por recuperar cerca de 14 milhões de dólares em ouro do Reichsbank e uns 41 milhões em ouro de outras instituições governamentais, mas o tesouro da Casa da Floresta nunca foi encontrado. Durante quatro anos, investigadores americanos tentaram solucionar o mistério, mas por fim viram-se obrigados a relatar que cerca de 3,5 milhões de dólares (hoje 46,5 milhões) em ouro e cerca de 2 milhões (hoje 12 milhões) em papel-moeda tinham desaparecido sem deixar rastro.

A pilhagem dos vencedores

Não foram só os alemães que aproveitaram as surpreendentes oportunidades oferecidas pela grande dispersão de ouro, dinheiro e obras artísticas insubstituíveis. Para horror de militares como o general Patton, escrupuloso ao tratar de todos os tesouros nazistas e que afirmou: "Não quero que alguém jamais diga que o filho da mãe do Patton roubou fosse o que fosse", um impressionante número de soldados americanos parecia ter dedos leves. Em cerca de 300 casos conhecidos, obras de arte valiosas foram ilegalmente levadas para os Estados Unidos. Os culpados foram processados por se apoderarem de artigos roubados e presos ou destituídos por conduta imprópria.

Até que em 1990 o mundo sofreu um choque ao saber que tesouros de arte alemães, incluindo uma das mais valiosas e historicamente significativas obras de arte medievais ainda existentes, estavam inexplicavelmente sendo vendidos pelos herdeiros de um obscuro veterano da guerra numa pequena cidade do Texas.

Até à sua morte, em 1980, Joe T. Meador, cultivador de orquídeas e dono de um armazém de ferragens, teve em seu poder, segundo se contava, um manuscrito dos quatro Evangelhos do século IX, de valor incalculável, embrulhado numa manta, que mostrava frequentemente aos parentes e amigos na sua cidade de Whitewright, 100 km ao norte de Dálias. Encadernado a ouro e prata, o manuscrito, com iluminuras com 1.100 anos, era proveniente de uma igreja de Quedlinburg, Alemanha. E foi subitamente vendido na Suíça por 3 milhões de dólares.

"Sem dúvida nenhuma, um tesouro nacional", comentou o secretário-geral da Fundação Cultural dos Estados da Alemanha Ocidental. Com um valor calculado em 30 milhões de dólares, o manuscrito tem 600 anos a mais do que a Bíblia de Gutenberg. Foi escrito em ouro para a corte imperial e doado ao convento da cidade fortificada medieval nos finais do século X, possivelmente pelo imperador Otto III a sua irmã Adeleid, abadessa do convento.

Verificou-se depois que o tesouro escondido de Meador incluía ainda um manuscrito de 1513 com uma encadernação ornamentada a ouro e prata e um relicário do século IX ou X decorado a ouro, prata e pedras preciosas. A coleção incluía também peças em forma de coração ou de salvas, mas o mais valioso era um frasco de cristal de rocha, no formato de uma cabeça de bispo, e que se dizia conter uma mecha dos cabelos de Maria, mãe de Jesus. Havia ainda crucifixos de ouro e prata, um pente do século XII que pertencera a Henrique I e numerosos outros objetos de arte de grande significado histórico e religioso.

Whitewright, no Texas, foi, após a II Guerra Mundial, o insólito armazém dos tesouros artísticos de uma igreja alemã. Entre eles, incluía-se este manuscrito dos Evangelhos de valor incalculável.



Os tesouros tinham sido tirados da igreja de Quedlinburg e escondidos, por segurança, no túnel de uma mina quando as forças aliadas avançavam em direção à região, nos últimos dias da II Guerra Mundial. Segundo os registros do exército americano, as autoridades que examinaram o espólio encontraram todas as peças "presentes e intactas". Mas, alguns dias depois, descobriu-se que alguns objetos de arte tinham desaparecido. Embora se tenham logo iniciado investigações e se preenchessem relatórios durante três anos, nunca se conseguiu obter informações. Quando a Alemanha foi dividida, em 1949, impedindo o contato dos alemães do Leste com o Ocidente, a igreja não pôde continuar a investigar o roubo.

Ao que parece, Meador, na época tenente do exército, tirara os objetos e fizera-os embarcar para os EUA, levando a cabo, com êxito, um dos maiores roubos de objetos de arte do século XX. Professor de arte frustrado que, por força das circunstâncias, se vira obrigado a trabalhar no armazém de ferragens da família, Meador confessou certa vez a um amigo que se debatia entre sentimentos de culpa e o prazer que lhe proporcionava a beleza daquelas obras de arte.

Depois da sua morte, quando os herdeiros começaram a lançar no mercado os objetos de Quedlinburg, as autoridades americanas começaram a investigar o caso. Após meses de diligências legais, os herdeiros concordaram em renunciar à totalidade do tesouro contra um pagamento de 2,75 milhões de dólares, mais 1 milhão do que a primeira importância já recebida pelos Evangelhos. Embora a Alemanha afirmasse que o caso ficara assim solucionado amigavelmente, muita gente criticou essa solução.

Roubada a Herança Artística da Europa



A espantosa descoberta da mina de Kaiseroda motivou uma visita do

comandante supremo das Forças Aliadas, Dwight Eisenhower, acompanhado de quatro dos seus generais, incluindo George Patton. Ao recordar a sua primeira visão dos preciosos quadros, este oficial impulsivo escreveu: "Aqueles que vi valiam, em minha opinião, 2 dólares e meio, e eram do género dos que normalmente se vêem nos bares da América." Outros tinham opinião diferente, pois na coleção figuravam obras de Renoir, Ticiano, Rafael, Rembrandt, Dürer, Van Dyck e Manet (acima). Mas até estes expoentes artísticos ficavam ofuscados pela mais valiosa obra de arte de toda a Alemanha, o famoso busto da rainha Nefertite do antigo Egipto, com 3.000 anos. E mais tesouros foram encontrados em outras minas das proximidades. Os nazistas tinham acumulado vastos patrimónios artísticos confiscados aos cidadãos e aos museus dos países conquistados. Aparentemente, inúmeras obras de arte foram destruídas durante a conflagração, mas muitas outras foram devolvidas aos seus proprietários graças aos esforços das equipas de curadores dos Departamentos de Estado e da Defesa dos Estados Unidos. Milhares delas, porém, nunca foram encontradas, e uma compilação recente feita em Munique dá como desaparecidas cerca de 4.000 pinturas europeias. O roubo dos tesouros artísticos de um país derrotado é tema bem conhecido que se repete ao longo da História, já registado nos anais dos exércitos da Assíria, Egipto, Grécia e Roma e seguido pelas campanhas de Napoleão e nas conquistas coloniais britânicas. Os imponentes pilares de pórfiro vermelho de Santa Sofia, em Istambul, por exemplo, foram roubados da Persépolis persa pelos conquistadores romanos. Os famosos quatro cavalos no alto da Catedral de S. Marcos, em Veneza, retirados para evitar os danos da poluição, foram saqueados de Constantinopla. Em 1907, a Convenção de Haia sobre Direito de Guerra Terrestre permitiu expressamente "o salvamento de tesouros artísticos de todas as zonas de batalha", mas os vorazes oficiais nazistas excederam todos os limites ao retirar milhões de dólares de objetos artísticos dos países subjugados. Alguns desses objetos foram expostos em museus alemães, mas outros foram armazenados em locais secretos ou levados para decorar as casas opulentas dos membros da "corte" de Hitler. Entre as unidades especiais de desconfisco, incluía-se a altamente eficiente Bildende Kunst (Belas-Artes), que contava com 350 bibliotecários, arquivistas e historiadores de arte, cuja missão era registar e catalogar os valiosos objetos espoliados, engradá-los para evitar danos durante o embarque e, em muitos casos, encontrar-lhes esconderijos quando o Terceiro Reich começou a se desmoronar. É possível que algumas dessas obras de arte nunca venham a ser encontradas, porque muita da documentação relativa aos objetos escondidos perdeu-se ou foi destruída durante os últimos dias de combate da II Guerra Mundial.